

LEITURA E ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA: PLANEJAMENTO E MOTIVAÇÃO

READING AND TEACHING OF THE LITERATURE IN SCHOOL: PLANNING AND MOTIVATION

Maria Severina Batista Guimarães¹

Sueli de Fátima Alexandre²

Resumo: Procuramos discutir, em linhas gerais, a importância da aquisição da leitura literária desde a fase inicial dos estudos, a perda do elo entre leitura literária e leitor contemporâneo e a importância da prática de leitura na vida do professor enquanto fonte motivadora dentro e fora da sala de aula, bem como a necessidade de um bom planejamento e motivação para despertar no aluno o prazer pela leitura literária.

Palavras chave: Literatura. Leitura. Motivação. Aprendizagem.

Abstract: We discuss, in general terms, the importance of the literary reading acquisition at an early stage of studies; the loss of the link between literary reading and the contemporary reader, and also the importance of the reading practice in the teacher's life as a motivating source inside and outside classroom. The need for good planning and motivation to instigate the students for the pleasure of reading literature is discussed as well.

Keywords: Literature. Reading. Motivation. Learning.

A literatura é poeta para variados mundos que nascem das várias leituras.

Lajolo (2001)

Para formar leitores devemos ter paixão pela leitura.

Kleiman (2002)

¹ Doutora em estudos literários pela UFG. Pesquisadora da “Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia” (UFG/UEG/UniEvangélica). Professora do curso de Letras (UEG São Luís de Montes Belos). E-mail: mrsvrnbtstgmrs.guimares@gmail.com

² Especializanda em Língua Portuguesa, Literatura e Ensino (UEG São Luís de Montes Belos). Graduada em Letras pela UEG. Pesquisadora da “Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia” (UFG/UEG/UniEvangélica). Membro do “I Ciclo de Discussões Online O imaginário do Medo”. E-mail: suelideftima.sueli.alexandre@gmail.com

Introdução

Este trabalho resulta de algumas leituras que realizamos para o projeto de pesquisa: *Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia*, da Universidade Federal de Goiás (em andamento).

Procuramos, em poucas palavras, contribuir para o despertamento da importância do planejamento e motivação para se obter resultados positivos no ensino e aprendizado de literatura, pois, enquanto professoras licenciadas em Letras e pesquisadoras, acreditamos que a literatura, bem como a leitura, se aproximam do espaço escolar, do domínio educacional, por pertencimento ao campo do letramento, da aprendizagem, do desenvolvimento e dos usos da leitura e da escrita (PAIVA, MARTINS et al 2005). Porém, a escolarização literária é conflituosa, pois a sociedade em si considera que a literatura pouco contribui para a formação profissional do cidadão moderno, e o lugar que ela ocupa é cada vez menor no cotidiano do indivíduo. Talvez isso se deva à forma superficial como a literatura é mencionada nos livros literários. São apresentadas apenas parte dos textos e um raso comentário, “[..] ou mesmo à precária formação da maioria dos profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler” (KLEIMAN, 2002, p. 15).

Desenvolvimento

Atualmente, pesquisadores das áreas de Letras e Educação, instigados com a pouca consideração dada ao ensino de literatura, buscam modos mais adequados de tornar esse ensino mais prazeroso e desejado, pois,

se a literatura oferece uma maneira articulada de reconstruir a realidade e de gozar esteticamente dela em uma experiência pessoal e subjetiva, parece que o papel do professor deveria ser, principalmente, o de provocar e expandir a resposta provocadora pelo texto literário e não, precisamente, o de ensinar a ocultar a reação pessoal através do rápido refúgio em categorias objetivas de análise, tal como sucedia habitualmente no trabalho escolar (COLEMAR, 1996, p. 131, apud PAIVA; MARTINS; PAULINO e VERSIANI, 2005, p. 13)

Considerando a importância da prática de leitura para o bom desenvolvimento pessoal e

profissional do indivíduo, pensamos, então, que esse processo deve começar desde cedo na vida da criança, ainda na fase inicial dos estudos, pois é nessa fase que ela se encontra voltada para o encantamento da ficcionalidade (PENNAC, 1993). Portanto, é importante ao profissional da educação entender e ensinar que ler não é simplesmente um ato de percorrer com os olhos o que está escrito, ou ainda decodificar as letras, palavras, figuras de linguagem, ignorando, por assim proceder, o aspecto principal de uma leitura que é o apreender os significados diversos empreendidos no texto, significados estes que formam no leitor a capacidade de introspecção e reflexão sobre si mesmo.

Então, se pensarmos no texto literário, e mais especificamente no texto poético, perceberemos, com certo pesar, grande distanciamento entre leitor e compreensão textual (ZILBERMAN, 1988). Isso, talvez, seja pela falta do hábito da leitura poética entre pais, professores e até mesmo da população brasileira em geral, que prefere leituras de auto-ajuda ou mesmo jornalísticas. Diante dessa estereotipada realidade, questionamos: Que caminhos trilhar para dar novo rumo a essa situação? Acreditamos que a educação escolar é a resposta. É por meio dela que conseguiremos formar leitores “[...] capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias” (BRASIL, 2001, p. 38-39).

A literatura sempre tem uma mensagem diferenciada para o leitor, porém, nas mediações escolares de leitura literária muitas vezes percebemos a perda do elo entre as instâncias do conhecimento no prazer e o prezar no conhecimento, uma perda que pode ser percebida tanto nos documentos oficiais que descrevem e prescrevem as orientações do ensino de literatura, como na observação do que ocorre nas práticas escolares de leitura literária (PAIVA; MARTINS; PAULINO e VERSIANI, 2005).

Marisa Lajolo (2001, p. 8) na obra, *Literatura: Leitores & leitura*, cita parte de um artigo publicado em um jornal que dizia o seguinte: “[...] viciada na televisão e em histórias em quadrinhos, e já agora também em videogames, a juventude de hoje é pouco amiga dos livros e dá as costas à leitura”. Essa falta de interesse pela leitura dos clássicos resulta, a cada dia, em um enfraquecimento do estudo literário.

Segundo Sisto, Dobranszky e Monteiro (2001, p. 41), informações coletadas junto aos professores da rede pública do estado de São Paulo

[...] mostram que o próprio professor, enquanto aluno, leu muito pouco, embora aponte a escola como o meio através do qual ele próprio tomou contato com a leitura; a maioria dos professores enfatiza o “hábito de leitura, e muito pouco o gosto pela leitura”. Todos os professores, sem exceção, reconhecem a importância da leitura, mas razões de atribuição dessa importância também apontam para uma concepção mecanicista e utilitária da leitura: “ler é bom porque ensina a falar e a escrever melhor, aumenta o vocabulário, estimula a criatividade, é fonte de distração, informação, conhecimento e enriquecimento cultural, isto é, apenas veículo, e não importante enquanto atividade em si.

Essa comodidade entre os educadores tende a não valorizar a leitura, o raciocínio do aluno e seu gosto pela ficção. Pois, queira ou não, a leitura é um “desvendar de mundo”, que aguça no leitor sua vontade interna pela ficcionalidade, pois “[...] ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia” (CANDIDO, 1995, p. 242) e a literatura, concebida num sentido amplo, parece corresponder a essa necessidade universal que necessita ser satisfeita, além, ainda, de constituir um direito de todo cidadão. Segundo Osakabe e Frederico (2004, p. 51) até pouco tempo atrás a literatura dispunha de posição privilegiada no currículo escolar, “[...] era tão valorizada que chegou mesmo a ser tomada como sinal de cultura”, em que se estudavam clássicos consagrados, como Camões, José de Alencar, Euclides da Cunha, entre outros. Para eles, estudar os clássicos literários era sinal de busca de conhecimento e cultura. Hoje, porém, os livros didáticos de certa forma “castram” essa oportunidade quando trazem apenas partes minúsculas das obras. Pior ainda é saber que grande parte dos professores se conformam com isso e não se automotivam para uma leitura mais aprofundada acerca das obras para, enfim, tentar conseguir motivar essa geração que a cada dia troca as páginas dos livros pelas páginas de blogs e sites que oferecem resumos e comentários facilitados. Estes alunos, muitas vezes, sequer lêem o conteúdo, simplesmente copiam, organizam, imprimem e entregam para o professor que também não “lê”, dá nota e diz parabéns. No dia de avaliação copiam a resposta do (a) colega sabidinho (a), e ainda passam de ano. Se continuar dessa forma, onde vai parar o ensino e aprendizado de literatura? Que rumos tomará? É um caso que merece certo ser revisto pelos professores.

Os livros didáticos trazem apenas pequenos recortes dos grandes clássicos e a bibliografia dos autores, e os poemas, muitas vezes, recebem raso comentário. Isso significa que os livros didáticos são inúteis? De forma alguma, embora sejam um pouco resumidos, são um recurso muito importante de direcionamento. Mas, infelizmente, muitos professores ainda

exercem o papel de transmissor de informações prontas, constituindo-se como centro das relações entre o conhecimento e o aluno, em que a principal “função é transmitir verdades já prontas, validadas pela sociedade e transmitidas às novas gerações” (MORETTO, 2002, p. 98). O aluno, nesse contexto, não é motivado a construir seu próprio conhecimento, mas desempenha o papel de repetidor de informações muitas vezes não compreendidas ou vazias de significado para ele. Também não lhe é reservado o papel de escolher o que deve ou não deve ser feito, porque alguém já escolheu e planejou para ele, cabendo-lhe somente se esforçar para compreender o que é apresentado, da forma como foi planejado e repetir no momento da avaliação.

Assim, pensamos que a relação entre aluno, conhecimento e professor deve ocorrer de forma circular, em que o professor deixe de ser apenas mediador entre aluno e conhecimento, e assuma a posição de aprendiz e construtor. Cabe ao professor, então, criar as condições propícias à aprendizagem do aluno, deixando o ensino, desse modo, de ser uma mera transmissão de verdades prontas, “[...] para ser um processo de elaboração de situações didático-pedagógicas que facilitem a aprendizagem, isto é, que favoreçam a construção de relações significativas entre componentes de um universo simbólico” (MORETTO, 2010, p. 103).

Desse modo, percebemos que a leitura é um ato individual de construção de significados que, por sua vez, se configuram na interação entre autor e leitor, e no interesse e objetivos que se tem no momento.

Diante dessa nova focalização do ensino, a aprendizagem adquire novos significados, ou seja, o aluno deixa de adquirir informações isoladas, como bibliografias, datas, definições rasas, passando a estabelecer relações entre elas, dando sentido singular à sua própria aprendizagem.

De acordo com Candido (1972, p. 803), “[...] os estudos modernos de literatura se voltam mais para a estrutura do que para a função [...]”, ou seja, valorizam mais a análise estrutural das obras e poemas do que compreender sua função primeira de informadora e formadora de caráter, confirmando, na humanidade, sua condição de ser humano. Assim, a literatura precisa ser vista “[...] como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 1972, p. 804). Nesse sentido, a função psicológica é a primeira coisa que nos vem à mente quando pensamos em literatura. Ou seja, a literatura funciona como respostas às mais diversas necessidades humanas, independente de idade e classe social, levando-nos a questionar a respeito da função formadora da literatura.

Então, é preciso propor atividades de recuperação das experiências de leitura feitas fora da sala de aula. No entanto, essas experiências devem ser satisfatórias, conduzindo em direção à vontade e ao prazer de ler.

Compreendemos que, quando são oferecidas leituras literárias rasas e sem direcionamento, estamos negando ao aluno o aprofundamento na cultura, na arte e na tradição, uma realidade que, devido ao conformismo ou à pequenez das informações trazidas pelos livros didáticos, acostumou-se a desconsiderar.

É justamente esse mundo literário tão esquecido que guarda a possibilidade de resgatar nos alunos o prazer da leitura e da construção de significados diversos quando ocorre interação entre autor e leitor (KLEIMAN, 2002) e (LAJOLO, 1993).

Ao adentrar em um poema, o aluno constrói, com as diferentes vozes poéticas, diálogos capazes de conduzi-lo à reflexão acerca de si mesmo e do mundo que o cerca. Assim, é preciso propor atividades de leitura que sejam satisfatórias e prosélicas ao prazer pela leitura “livre”.

Segundo Paiva e Martins (2005), os estudantes mais jovens dão preferências a textos literários contemporâneos, talvez resida aí a necessidade de repensar o caminho que nosso ensino de literatura tem trilhado nesses últimos anos e propor uma nova forma de estudar autores mais atuais, sem com isso perder de vista nossos clássicos. É pertinente pensar uma maneira de despertar o gosto pela leitura literária em geral, porém, esse é um desafio que precisa ser adotado pelos professores de literatura. De acordo com Antonio Candido (1995), quando se discute a diferença social e o direito à educação, muitas vezes os professores pensam que seus alunos, por serem de escola pública, por exemplo, não precisam ler textos, ou obras literárias completas, porque de nada, ou de quase nada servirá para o futuro deles. Isso é uma inverdade absurda e motiva a continuação do descrédito em relação ao ensino público no Brasil. Lendo a obra *Construtivismo: a produção do conhecimento em aula*, de Moretto, percebe-se o quanto o esmorecimento por parte do professor pode prejudicar sua atuação:

Uma das grandes angústias de todo professor é expressa na frase muitas vezes repetida: ‘Não adianta. Eu ensino, ensino, repito dez vezes as coisas e eles não aprendem’. Ou, então, justificando as dificuldades de aprendizagem e o fracasso nas provas: ‘Os alunos não têm base, por isso não posso dar minha matéria’ (MORETTO, 2002, p. 104).

Parece mesmo não ser fácil motivar nossos alunos à leitura literária, porém, não

devemos desistir, por mais que seja um processo penoso e com resultados longínquos. Se cada professor conseguir aguçar o hábito de leitura em uma pequena parcela de seus alunos, com certeza terá contribuído muito para essa mudança, pois leitor gera leitor, ou seja, ocorre um processo de multiplicação, resultando em mudança de posicionamento ante o processo do gosto pela leitura literária, mesmo que isso ocorra em um processo longo. Mas, afinal, se não houver um começo, com certeza nunca haverá um resultado positivo.

[...], devemos lembrar que além do conhecimento por assim dizer latente, que provém da organização das emoções e da visão do mundo, há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejados pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor. Estes níveis são os que chamam imediatamente a atenção e é neles que o autor injeta as suas intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão, etc. (CANDIDO, 1995, p. 249).

Entendemos aqui, por humanização, o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de resolver os problemas da vida, a percepção da complexidade do mundo e dos seres e o cultivo do humor (CANDIDO, 1995).

Desse modo, considerando a importância da literatura para a formação do ser humano, e mesmo não tendo uma receita considerada perfeita, percebemos, com nossa experiência de trabalho em sala de aula e mesmo nas pesquisas que já realizamos, que o planejamento é primordial, é a chave para o sucesso, pois é onde se prevêem as necessidades e racionalização dos meios materiais e recursos humanos a serem empregados, a fim de obter objetivos concretos dentro dos prazos estipulados e em etapas definidas. Desse modo, antes de planejar é preciso tomar conhecimento da situação-problema para depois englobar elementos básicos que promoverão resultados consistentes e satisfatórios. Assim, os professores que planejam suas aulas de literatura de forma a serem úteis, viáveis para o bom aprendizado dos alunos, certamente alcançarão bons resultados. Cada passo da aula a ser ministrada deve ser bem pensado: o que se vai fazer, como fazer, que resultados espera-se obter, quais as contribuições que esta leitura traz para os alunos, enfim, o professor precisa ter um considerado conhecimento acerca do poema ou obra que irá ensinar, considerando que aquele conteúdo, além de fazer parte do conteúdo programático da matriz curricular, que é básico para que o aluno consiga fazer as provas de vestibular é, também, importante para sua formação intelectual e cultural. Desse modo, percebe-

se que o planejamento é o momento chave para o ensino aprendido, é onde o professor tem a oportunidade de criar meios para conduzir seus alunos ao prazer pela leitura. Uma aula bem planejada tende a ser prazerosa, tanto para os alunos, quanto para o professor, criando, assim, um ambiente de satisfação e motivação. O professor ministra boa aula e os alunos compreendem bem o conteúdo, se interessam mais e produzem mais.

Além do planejamento, que é fundamental no processo de ensino/aprendizagem, a motivação é um dos fatores que contribui para o desempenho ou fracasso dos alunos, porque, quando se tem uma meta, é prazeroso lutar para alcançá-la (CANDIDO, 1972). Se o professor não demonstra que gosta do que faz e muito menos do conteúdo que está ministrando, os alunos muito menos irão se interessar pela leitura literária.

Então, quando se tem uma atitude transversal de pensar e planejar com motivação, com certeza os resultados serão positivos.

Considerações finais

Considerando a importância da literatura para a formação do cidadão e o planejamento o meio pelo qual torna-se possível trazer de volta o elo entre leitor e obras literárias, e se realmente queremos repensar o ensino de literatura, pensamos ser o momento de olharmos mais atentamente para nossos alunos e tentarmos perceber em quais momentos existem situações reais de aprendizagem. Talvez, assim, reencontremos o elo perdido com a leitura literária, e nossos alunos passem a gostar de ler e escrever porque percebem que aquela é uma forma de exercer sua humanidade, de expor sua natureza, de se conhecer e conhecer o mundo.

Referências

BORGES, J. L. A poesia. In: _____. **Sete Noites**. Trad. João Silvério Trevisan. São Paulo: Max Limond, 1987.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de educação fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos**, V. 1 Brasília, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3. ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **A literatura e a formação do homem.** Ciência e Cultura. V. 24, N. 9, 1972.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 9. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** Série Educação em Ação. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Literatura: leitores & leitura.** São Paulo: Moderna, 2001.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Marins. O ato de planejar. In: **Porque planejar? Como planejar? Currículo – Área – Aula.** 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORAIS, José. **A arte de ler.** São Paulo: UNESP, 1996.

MORETTO, V.P. A produção do conhecimento em aula. In: **Construtivismo: a produção do conhecimento em aula.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OSAKABE, H.; FREDERICO, E. Y. **Literatura.** Orientações Curriculares do ensino médio. Brasília: MEC/SEB/DPPEM, 2004.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. (Organizadoras). **Leituras literárias: discursos transitivos.** Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SISTO, Firmino Fernandes; DOBRÁNSZKY, Enial Abreu; MONTEIRO, Alexandrina (Org.). **Cotidiano Escolar: questões de leitura, matemática e aprendizagem.** Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: USP, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1988.

_____. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 1987.

Texto recebido em 12/12/10.

Aprovado em 22/02/11.